Para refletir

“Marcas do que se foi, sonhos que vamos ter...”[1]

Silvia Pedreira

Quantos de nós já não rompemos o ano cantando esses versos na intenção de desejar tempos mais felizes? E não seria essa uma das principais funções da memória? Fazer memória do vivido para avaliar erros e acertos do passado e, assim, traçar novos rumos e sonhos possíveis que nos tragam felicidade, no plano pessoal e coletivo?

Do mesmo modo, se desejamos uma sociedade comprometida com a defesa da vida e da dignidade humana, devemos conhecer e reconhecer os erros do passado para tentar evitar que eles se repitam no futuro. Nesse sentido, memória, história e direitos humanos são conceitos intimamente relacionados.

Sem a intenção de, nesse espaço, discutir a complexidade de tais conceitos, retomamos frase do historiador francês Jacques Le Goff, publicada no boletim anterior, que de forma simples e objetiva aponta a relação entre memória, história e a sociedade que desejamos construir:

“A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para libertação e não para a servidão dos homens”[2] (LE GOFF, 1994, p.477).

Memória e história são, portanto, conceitos interdependentes. É através da análise e interpretação de registros da memória social (narrativas, testemunhos, depoimentos, documentos, jornais, fotos, monumentos, objetos, costumes etc.) que o/a historiador/a estuda o passado. Assim, ao olhar para a história devemos estar atentos sobre a forma como o passado nos é contado. Refletir sobre que acontecimentos foram iluminados ou apagados pela memória histórica. Indagar sobre as memórias silenciadas e as identidades sociais negadas ou estigmatizadas nos discursos históricos é fundamental para a formação de uma consciência crítica das graves violações aos direitos humanos.

Tal tarefa não é fácil, em especial, em nossa sociedade marcada pelo autoritarismo e pela criminalização daqueles/as que lutam por direitos. Prova disso, são as atuais polêmicas em torno dos 50 anos do golpe militar, da atuação das Comissões da Verdade e sobre a apuração de práticas de tortura, de violência policial e de arbitrariedades que ainda fazem parte do nosso cotidiano.

Ditaduras, genocídios, massacres, guerras civis, tortura, desaparecimentos e práticas discriminatórias e racistas são exemplos de temas considerados difíceis, sensíveis ou problemáticos para serem discutidos e tratados na sociedade e, em especial, na escola. Em geral, são assim considerados porque a sociedade ainda não construiu um consenso sobre como e o que falar sobre eles. Seja porque as lembranças e as feridas estão muito presentes, seja porque diferentes visões ainda estão em disputa, tanto na memória como na História.[3]

No entanto, romper com os silêncios e esquecimentos em relação às graves violações aos direitos humanos é condição essencial para construir uma sociedade justa e solidária.

Nesse sentido, numa perspectiva de educação em direitos humanos, é possível apontar algumas pistas para enfrentar tais questões:

- Promover experiências que possibilitem olhar outras culturas, outros espaços, outras formas de ver, sentir e estar no mundo, em especial em relação a grupos e culturas invisibilizadas e subalternizadas, a fim de desenvolver o respeito ao outro e a percepção de outras formas de construir cidadania.

Enriquecendo a ação

Dicas de livros de literatura juvenil

- Carapintada de Renato Tapajós, Ed. Ática, 1994. Relata a aventura de um jovem que viaja no tempo sendo transportado do impeachment de Collor para a ditadura militar.
- Quando voltei, tive uma surpresa de Joel Rufino dos Santos, ed. Rocco, 2000. Reúne as cartas escritas por Joel Rufino da prisão nos anos 70 para seu filho de 8 anos. Por meio de histórias engraçadas e inventando coisas boas, Joel demonstra o seu amor e sua esperança num Brasil mais justo.

Dicas de filmes

- “Memória do Chumbo: o futebol nos tempos do Condor”, documentário sobre as relações futebol e as ditaduras militares no Brasil, Argentina, Chile e Uruguai. Disponível no youtube.
- Outras dicas de filmes sobre ditadura e direitos humanos, clique na seção multimídia do site http://observatorioedhemfoco.com.br

- Enfatizar a dimensão histórica das lutas e conquistas dos direitos humanos, identificando os fatores políticos, sociais, econômicos, culturais e a importância da atuação dos sujeitos sociais envolvidos nesse processo.
- Desconstruir a ideia de história e memória como um passado cristalizado, morto e acabado, reconhecendo, dentre a pluralidade de projetos do passado, os que foram vencedores e os vencidos, buscando, também, identificar o quanto desse passado ainda está presente nos dias de hoje.
- Abordar o tema num movimento que parta do individual para o coletivo, do sensível para o intelectual, partindo de vivências e histórias de vida dos/as alunos/as.
- Utilizar diferentes linguagens e formas de expressão, que possibilitem a identificação com o tema e a emergência de diferentes enunciados e significados atribuídos a ele.
- Disponibilizar a análise de diferentes materiais sobre o tema estudado, tais como: relatos orais, depoimentos, testemunhos, documentos, músicas, peças de teatro, poesias, desenhos, charges, jornais, filmes, fotos etc. É importante destacar, no entanto, a necessidade de contextualizar e interpretar as fontes históricas utilizadas para não tomá-las como verdades absolutas, entendendo os interesses e as subjetividades em jogo em cada uma delas.
- Identificar os chamados “lugares de memória”, como por exemplo: centros de tortura, prisões, ruas, praças, casas, enfim, lugares que dizem muito sobre as páginas infelizes e silenciadas da história e que fazem parte do nosso dia a dia.

Enfim, construir caminhos que possibilitem às novas gerações o acesso à memória e à história das graves violações aos direitos humanos não é simples, mas é o que nos anima a seguir caminhando tod@s junt@s em busca de um “novo amanhecer” em que tais marcas fiquem no passado, como nos anuncia a música que inicia esse texto.

[1] Música “*Marcas do que se foi*” de Dom e Ravel.
[2] In: LE GOFF, Jacques. *Memória e Historia.* Campinas, SP, Ed. Da Unicamp, 1996.
[3] In: ARAUJO, M. Paula, Silva, Izabel Pimenta e SANTOS, D. dos Reis. *Ditadura militar e democracia no Brasil: História, imagem e testemunho*. Rio de Janeiro, Ed. Ponteio, 2013, disponível em http://www.historia.ufrj.br/pdfs/2013/livro_ditadura_militar.pdf.

NOVAMERICA Programa Direitos Humanos Educação e Cidadania

ISSN 1519-9827 - NOVAMERICA
Rua Dezenove de Fevereiro, 160 - Botafogo - CEP : 22280 - 030
Rio de Janeiro - R.J. - BRASIL - Tel/fax: 2542 6244 - 2295 8033
E-mail: escola@novamerica.org.br
http://www.novamerica.org.br

Direitos Humanos na sala de aula

Editora: Susana Sacavino
Texto Final: Silvia Maria F. Pedreira
Supervisão Editorial: Adelia Maria Koff
Composição Gráfica: Compañia Visual Manteca
Equipe Responsável: Marilena Guersola, Maria da Consolação Lucinda, Marinauva de Azevedo Souza, Vera Maria Candau, Viviane Amorim

Ano XIV - Nº 128
Junho/Julho

2014 DDHH — Direitos Humanos na sala de aula

Datas significativas

JUNHO

04
Dia Internacional das Crianças Vítimas de Violência

05
Dia Internacional do Meio Ambiente e Universal da Ecologia

12
Dia Mundial da Luta contra o Trabalho Infantil

26
Dia Internacional Contra a Tortura e Dia Nacional Contra as Drogas

JULHO

12
Dia Mundial Contra o Trabalho Infantil

13
Dia da Promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente/ECA

20
Dia Internacional da Amizade

Apresentação

No boletim anterior, inaugurando nossas reflexões sobre -“Fazer memória, afirmar identidades e tecer cidadania” - discutimos o conceito de memória e suas relações com a constituição de identidades individuais e sociais. Neste, continuando o aprofundamento do lema 2014, destacamos a relação entre memória, história e direitos humanos, conceitos chaves para tecer cidadanias críticas e participativas.

Embora fundamentais para a formação de uma consciência crítica e democrática, a relação entre tais conceitos, em geral, ainda é pouco discutida nas escolas. Fazer memória de violações de direitos humanos e contar a história sob o ponto de vista de grupos e culturas subalternizadas não são tarefas fáceis e tampouco comuns. Exemplos disso são: a dificuldade de fazer valer a inclusão da história e da cultura afro-brasileira e indígena nos currículos escolares, (leis 10.639/2003 e 11.645/2008) e a quase inexistência de narrativas de vítimas de regimes da ditadura militar nos livros didáticos de história. Práticas sociais autoritárias, discriminatórias e racistas são temas polêmicos que nos desafiam politica, etica e pedagogicamente a cada dia. Nesse enfrentamento, a educação em direitos humanos é uma grande aliada.

Nesse sentido, todas as seções desse boletim trazem contribuições para trabalhar a recuperação de memórias e a sua importância nas histórias individuais e coletivas, tendo como horizonte a afirmação dos direitos humanos. A seção Mosaico, em especial, abre a discussão sobre um tema polêmico e atual: legado social da Copa do Mundo.

Aberto o apetite, desejamos uma boa e proveitosa leitura!

A Equipe

“PARA SE CONSTRUIR A PAZ SOCIAL NO PRESENTE E NO FUTURO, NÃO SE PODE PERDER DE VISTA A VIGÊNCIA DAS INJUSTIÇAS PASSADAS E A ATUALIDADE DO SOFRIMENTO IMPOSTO. E É A MEMÓRIA DAS VÍTIMAS QUE SERVE DE SINAL E CONDIÇÃO NECESSÁRIA PARA ROMPER COM A LÓGICA DE VIOLÊNCIAS DO PASSADO QUE SE REPRODUZ NO PRESENTE”.

João Ricardo W. Dornelles
MEMBRO DA COMISSÃO ESTADUAL DA VERDADE DO RIO DE JANEIRO E PROFESSOR DA PUC-RIO.

Participe

Acompanhe na página da Novamerica a programação das Atividades Abertas e reserve o dia 16 de agosto para participar do Seminário Nacional “Marcas da memória, lições da história”.
Em breve, divulgaremos informações sobre a programação e as inscrições para o evento.
Participe também enviando sugestões de materiais de apoio, atividades pedagógicas e informes de eventos nas escolas sobre a temática dos direitos humanos e sobre o lema 2014. O e-mail para envio é escola@novamerica.org.br.



A SALA DE AULA EM MOVIMENTO

Cara professora, caro professor, concebendo a sala de aula como espaços de movimento, transformação e convivência, as atividades propostas abordam as relações entre memória, história e direitos humanos, por meio de brincadeiras e do uso de diferentes linguagens e tecnologias.

Ensino Fundamental
1º, 2º e 3º Anos

Aproveitando o clima de Copa do Mundo, sugerimos o resgate de outros jogos e brincadeiras que fazem parte das memórias de várias gerações Aproveite e divirta-se junto com a criançada!

- Solicitar, previamente, uma pesquisa das brincadeiras vividas pelos pais, avós, vizinhos há, pelo menos, 20 anos atrás. Quanto mais antigo, melhor. Acrescente à pesquisa das crianças outras brincadeiras antigas que valorizem o processo de aprendizagem e reflexão do tema. Uma dica é consultar os sites:
  - http://brasileirinhos.wordpress.com/brincadeiras/
  - http://mapadobrincar.folha.com.br/brincadeiras/
- Explorar com as crianças as suas brincadeiras preferidas. Listá-las e pedir que, individualmente, desenhem um desses momentos. Solicitar que registrem o lugar, os materiais usados e com quem brincam.
- Registrar as brincadeiras pesquisadas num quadro mural fazendo o reconhecimento sobre o tipo de material usado, se são construídos ou comprados prontos, se é uma brincadeira atual ou já esquecida etc.
- Em seguida, solicitar que escolham uma das brincadeiras do quadro mural. É a hora da criançada refletir oralmente a partir de perguntas: Onde essa brincadeira acontece? Como é o lugar? Quem está brincando (só meninas, só meninos)? Como é a roupa das crianças que brincam? Parece com as de hoje? Quais são as regras para essa brincadeira? Como começa, como termina? Será que poderia acontecer alguma briga entre as crianças no momento da brincadeira? Qual seria a razão? Como resolveríamos o conflito? Explore as relações de poder (aqueles/as que só querem vencer, que querem "mandar" na brincadeira), a importância das regras (semelhantes às leis) etc.
- Em seguida, retornar ao quadro mural e organizar com as crianças um cartaz que classifique as brincadeiras antigas e as atuais. Nessa mesma lista, identificar, através de votação, as preferências da turma. Sugerimos realizar algumas destas brincadeiras em momentos posteriores, lembrando que brincar não é apenas manusear objetos e jogos eletrônicos, mas, também, criar o brinquedo, interagir e desenvolver aspectos sensíveis e importantes para a formação humana. Valorize a troca, o toque, o sorriso, a memória dos dias divertidos!

MOSAICO

Copa do Mundo e Direitos Humanos: o que ficará para o futuro?

Pesquisa recente realizada pelo Datafolha revelou que 55% dos entrevistados/as afirmaram que a Copa do Mundo trará mais prejuízos do que benefícios ao país, contrariando o apoio de 79% da população numa pesquisa semelhante, realizada em 2008. Dentre os motivos para essa mudança de opinião é possível apontar a redução de investimentos na mobilidade urbana, a falta de diálogo nas remoções das populações atingidas pelas obras, os elevados investimentos públicos na construção das arenas nas cidades-sede e as reivindicações por melhorias na saúde, educação e transportes públicos nas jornadas de junho de 2013. Para ampliar democraticamente esse debate, recomendamos a consulta ao site www.portalpopulardacopa, que reflete a luta contra as violações de direitos decorrentes da realização da Copa 2014 e das Olimpíadas 2016.

Ensino Fundamental
4º e 5º Anos

Considerando que o que somos e o que queremos ser têm a ver com as experiências que vivemos, propomos uma atividade para que os/as alunos/as projetem o futuro que desejam, a partir de suas memórias.

- Conversar com os/as alunos/as sobre o significado de fazer memória e propor a construção de história em quadrinhos sobre as experiências de vida de cada um/a. Iniciar a atividade com perguntas que os/as provoquem a pensar sobre suas experiências hoje e também no passado: Como é a sua vida hoje? O que é legal? O que é chato? O que gosta e não gosta? Como gostaria que sua vida fosse? O que mudaria se pudesse? E antigamente, quando era pequeno, como era sua vida? O que aconteceu de mais legal quando você era bem pequeno? O que aconteceu de mais chato quando você era pequeno? Disponibilizar algum tempo para que respondam oralmente às questões.
- O próximo passo é estabelecer um diálogo sobre o futuro. Fazer memória, reconhecer quem somos e onde estamos são elementos para projetar o que queremos. Sugerimos algumas perguntas para a reflexão: Como gostaria que sua vida fosse quando ficar mais velho? Que sonhos você tem? O que quer conquistar? O que precisa acontecer para chegar onde você quer?
- Distribuir uma folha de papel dividida como no modelo e pedir que construam suas histórias. Estimular que as histórias sejam contadas com desenhos e textos.
  Modelo:

Minha vida em quadrinhos, por... (nome do/a aluno/a)		
Quando eu era pequeno...	Hoje em dia...	Quando eu crescer...
Era legal. Por quê?	Era legal. Por quê?	Minha vida vai ser... Por quê?
Era chato. Por quê?	É chato. Por quê?	Quero conquistar... Por quê?

- Quando terminarem, organizar grupos e pedir que compartilhem as histórias e projetos de vida, identificando o que é comum e diferente entre eles. Os grupos apresentam para a turma suas conclusões sobre as semelhanças e diferenças das histórias e projetos de vida. Enquanto os grupos se apresentam o/a educador/a faz breves comentários valorizando as histórias e identificando situações de afirmação e de violações dos direitos das crianças. Em geral, experiências positivas refletem a afirmação dos direitos humanos e as penosas, a sua negação.
- Organizar um painel com as histórias.
- Obs.: Como desdobramento, recomendamos propor aos/às alunos/as que, em grupos, partilhem notícias do telejornal ou de jornais da semana que lhes chamaram a atenção e discutam como estes acontecimentos podem influenciar suas vidas.

Ensino Fundamental
6º e 7º Anos

"Quem conta um conto aumenta um ponto." A partir deste ditado, discutir os diferentes modos de contar um acontecimento e as implicações disso para a vida cotidiana e a história.

- Propor a brincadeira do "Telefone sem fio". O educador/a fala para o/a primeiro/a aluno/a de cada fila a seguinte frase: "**Você pode avisar a diretora *que na sexta-feira, às 10 horas, esta turma vai realizar um campeonato de botão no pátio da escola.*"** A frase deve ser passada no ouvido do/a aluno/a que está atrás até chegar ao/à último/a da fila. O último/a aluno/a escreve a frase que ouviu.
- Quando todas as fileiras tiverem terminado, o/a último/a aluno/a entrega ao/à educador/a a frase que chegou a ele/a. O/a educador/a escreve a frase inicial no quadro e compara com as frases finais dos/as alunos/as. Ressaltar que essa confusão/distorção foi só em relação a uma simples frase, imagine com histórias reais da vida cotidiana ou de acontecimentos da história.
- Conversar sobre a importância da memória e da história em diferentes situações. Para levantar o que os/as alunos/as entendem sobre essa relação, algumas perguntas podem ajudar**:** Como a gente conta uma história? Como selecionamos o que é importante do que não é? Quando a gente quer registrar um acontecimento, quais os "instrumentos" que facilitam esse registro? Como podemos analisar se os dados que temos são suficientes para contar essa história? Podemos "confiar" somente em nossa memória (individual e coletiva) para narrarmos um fato?
- O/a o/a educador/a pode ilustrar essas perguntas através de exemplos como: Ao vermos um filme, o capítulo de uma novela ou ouvirmos uma história com outros colegas, se alguém chega e pede para saber sobre o que está acontecendo, cada pessoa provavelmente contará de diferentes maneiras a mesma situação vivida por todos! Às vezes esquecemos parte da história e o amigo nos ajuda a relembrar. Também pode acontecer de não entendermos porque um determinado fato é mais importante para ele do que para gente...
- Após este aquecimento, dividir os alunos/as em grupos e propor a construção de um livreto sobre um tema escolhido por eles/as. Algumas sugestões: a história do bairro da escola contada por seus/suas antigos/as moradores/as; a situação do transporte público para chegar à escola, diante de tantas manifestações de racismo no futebol, como essa história foi construída?
- O grupo deve ser orientado a dividir responsabilidades tais como em uma publicação, por exemplo: Quem seleciona o material e quem escreve? Quem verifica os fatos? Haverá entrevistas ou imagens para ilustrar o assunto? Haverá pesquisas na internet ou na biblioteca? Como fazer a distribuição/divulgação do livreto?
- Como desdobramento, o/a o/a educador/a pode propor que eles façam um varal com os livretos e coloquem em espaços na escola onde todos/as possam ler ou trocar os livretos com outras turmas que realizaram a atividade.

TEMOS DIREITO

todos direito ?

A Constituição de 1988

Apesar do fim do AI5, em 1978, da Lei da Anistia, em 1979, e da eleição indireta de Tancredo Neves, em 1985, candidato apoiado pelo movimento das Diretas Já, foi a Constituição de 1988, que restabeleceu a ordem democrática e o acesso à cidadania. Vale a pena conferir com os/as alunos/as os artigos que justificam o seu título de constituição cidadã. Para fazer memória, sugerimos o vídeo do discurso da promulgação da Constituição proferido pelo Deputado Ulisses Guimarães, disponível no youtube.

Ensino Fundamental
8º e 9º Anos

Para trabalhar as memórias e a história de violações e lutas por direitos humanos, utilizamos a versão digital do livro "Brasil: ditadura - militar Um livro para os que nasceram bem depois...", de Joana D'Arc F. Ferraz e Elaine de A. Bortone, Ed Hamas, 2012, disponível no site www.observatorioedhemfoco.com.br

- Fazer uma breve apresentação das ideias centrais do livro, destacando a capa e a dedicatória. Por ser uma publicação em HQ e em formato eletrônico, os alunos/as ficarão interessados/as em conferir!
- Conversar livremente sobre a relação entre memória, história e direitos humanos. O texto desta edição do "Para Refletir" traz vários elementos. Identificar o que os/as alunos/as entendem por direitos humanos, a importância de sua defesa e situações de negações e de violações.
- Fazer a **leitura coletiva** da obra utilizando alguns trechos da história em quadrinhos. Como sugestão, escolhemos, nesta ordem, as páginas 7, 12, 13, 15, 18, 19, 10, 23, 11 e, para fechamento, as páginas 24, 25 e 26. Se a escola tiver laboratório de informática é um bom momento para utilizá-lo.
- Obs.: Fica a critério do/a educador/a fazer outras escolhas ou propor a leitura sequencial. O importante é fazer uma leitura coletiva que envolva os/as alunos/as com a história e seus personagens.
- Após a leitura e debate das situações do livro, propor que, em grupos, produzam um vídeo curto no celular sobre as memórias do período da ditadura militar e das lutas pela democratização do Brasil. A ideia é que os grupos pensem em uma pergunta curta e direta para que o entrevistado/a seja breve também. Funcionários do colégio, familiares e responsáveis são possíveis candidatos. Quais são as "memórias" da ditadura militar e dos anos de nossa transição democrática? Quais acontecimentos marcaram essa época? A atividade pode ser desenvolvida na hora do recreio, da saída ou em casa. Enfatize a necessidade do preparo do grupo para a realização.
- Todos deverão apresentar o vídeo para a turma. O/a educador/a deve apontar as convergências e as diferenças nos depoimentos. Salientar a importância de romper os silêncios e esquecimentos em relação às graves violações aos direitos humanos. Destacar que esse foi um exercício de levantar memórias/esquecimentos sobre determinados fatos e que a história é escrita a partir da contextualização, análise e interpretação desses relatos e de outras fontes históricas.
- Se desejarem, após a permissão dos/as entrevistados/as e do/a educador/a, os vídeos poderiam ser publicados na *Fan Page* do grupo e/ou individual para aprofundamento e atualização da temática da violação e da luta por direitos humanos com base em fatos recentes.